

sobre tudo

POR UMA EDUCAÇÃO “JUST[A] E COMPLET[A] COMO UM ABRAÇO”

Maristela Campos

Foi com grande satisfação que aceitei o convite para escrever esta breve apresentação. Ao lado dos demais colegas que compõem o corpo editorial desta revista, tenho travado lutas no campo da educação antirracista que por vezes se mostravam invencíveis. Porém, ao conhecer a intenção de montar um dossiê sobre a temática das relações raciais e práticas antirracistas na educação, a esperança se revestiu de novos ânimos. Convém revelar, a quem lê esta apresentação, que enquanto escrevo estas linhas, recebo a notícia da passagem da aclamada autora e pensadora feminista e antirracista bell hooks (1952-2021). Sua enorme e incomparável contribuição à luta por uma educação libertadora e emancipatória encontrou em Paulo Freire base forte construída através de ricos diálogos. Que esta edição da **Sobre Tudo**, “Práticas Antirracistas na Educação Básica”, possa conferir a hooks agradecimentos e honra.

Nesta edição da Revista **Sobre Tudo**, reserva-se importante lugar que nos coloca diante de um momento ímpar na área da educação: a inegável realidade de que para que as ações educacionais (em seus diversos níveis) se tornem verdadeiramente inclusivas, faz-se

imprescindível confrontar as práticas que as instituições de educação vêm reproduzindo ao longo dos anos. O espaço social, a que denominamos escola, oferece amplas oportunidades de trocas que são fios que entretecem os primeiros intercâmbios desde a mais tenra idade. Esta concepção de estrutura social normalizada e reproduzida pelas instituições educacionais denota exatamente a mesma estrutura que os educandos encontrarão para além dos espaços escolares. Este fato, inevitavelmente, traz a seguinte questão: se a escola é primordialmente um espaço de socialização e de vivências intercambiáveis, que experiências estamos oferecendo às crianças pretas, pardas, indígenas, quilombolas e às crianças com deficiência? Que reforço damos ao circunstanciar os grupos historicamente discriminados, seja por raça, classe, gênero, etnia, classe social e credo, seja aos estudantes com deficiência? Que lugares a escola, na sua estrutura hierárquica, confere a estes grupos?

A reflexão que quero propor é a de que se almejamos construir uma escola inclusiva, devemos apresentar estas práticas como princípios. Que estudantes vivam no cotidiano escolar estas práticas e que as vivenciem nas relações com todas as pessoas envolvidas no contexto escolar. Que o fazer antirracista não esteja resumido à bonecas negras, à literatura de autoria negra, à aula de História ou de Artes e às comemorações de datas específicas. Torna-se necessário que todas as pessoas que dinamizam o dia a dia da escola possam ser vistas e identificadas pelos estudantes como sujeitos e não como os invisíveis.

Descolonizar o currículo para tornar o conhecimento mais amplo e acolhedor requer reconhecer os diversos saberes e conhecimentos, as epistemologias que não estão no currículo da maioria das escolas, articulando estes conhecimentos com o saber científico. A escola deve procurar desenvolver este currículo que atende e reproduz os conhecimentos hegemônicos e canonizados pela cultura ocidental articulando-o com maneiras criativas mais adequadas à realidade

sociocultural do país. A educação antirracista e inclusiva deve permear a vida da escola como um todo e ser apresentada desta forma não somente ao estudante, mas à sua família e à Comunidade Escolar também. Este é o sentido real de uma escola “pública, gratuita e de qualidade”. Uma escola “just[a] e complet[a] como um abraço”¹.

Referências

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

PEREIRA, E. A. “Nova Orleans”. In **Zeosório Blues**: obra poética 1. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

¹ PEREIRA, E. A. “Nova Orleans”. In **Zeosório Blues**: obra poética 1. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002. p. 42.